

Desafio Fotografia com Poesia

2022

Transições

Desafio da Fotografia com Poesia

Uma brincadeira séria!

E porque não juntar as 6ª e 8ª Artes?

Foi com este pensamento em mente que as Comunidades de Fotografia e de Leitura da Transições lançaram o “Desafio da Fotografia com Poesia” a todos os seus membros.

A resposta foi surpreendente, quer quanto à quantidade quer, sobretudo, quanto à qualidade, com a apresentação de 64 fotografias e 46 Poemas.

Os poetas selecionaram as fotografias desconhecendo os seus autores.

Os fotógrafos, por sua vez, não sabiam quem iria ilustrar a sua foto ou se ela seria escolhida.

Todos os fotógrafos tiveram pelo menos uma das suas fotografias ilustradas.

Não quisemos restringir a forma de expressão de cada um e, por isso, as fotos foram ilustradas com quadras, pequenas frases, poesias, prosa poética ou prosa, segundo o sentir do poeta.

O presente livro mostra os resultados do desafio, revelando os pares fotografia-poema e testemunhando o trabalho de 10 fotógrafos, 13 poetas e 2 fotógrafos-poetas.

Ao contemplar o resultado final é caso para dizer:

Este desafio foi uma brincadeira séria de que todos nos podemos orgulhar.

Hélia Jorge e Jorge Gonçalves Silva

Dinamizadores das Comunidades de Leitura e Fotografia

Maior de 2022

Os Artistas



Os Fotógrafos

Celina Gago

Cidália Aguiar

Concha Balcão Reis

Dulce Borges

Fernando Guedes Pinto

Hélia Jorge

Inês Melo

Jorge Gonçalves da Silva

Leonor Azevedo

Leonor Botto

Pedro Bello

Teresa Marques

Os Poetas

Ana Paula Costa e Silva

Ana Paula Melo

Concha Balcão Reis

Cristina Semião

Cristina Tomé

Inês Melo

Isabelina Jorge

Julia Guerra

Luis Filipe Rocha

Luisa Pires

Lurdes Aleixo Dias

Maria Irene Batista

Paulo Eduardo Campos

Pedro Alvito

Teresa Pedrosa

Menino de Myanmar - Pedro Bello



Que idade terá? - Luisa Pires

Que idade terá?

A pele achocolatada,

criando uma harmonia com o vermelho intenso e escuro

das vestes agilmente colocadas,

refletindo a prática de quem o faz todos os dias.

O cabelo meticulosamente cortado a régua e esquadro,

que nos transporta para a disciplina

que acompanha esta criança e a sua comunidade.

Que idade terá?

O semblante é sério, sobrolho cerrado, olhar fixo.

É uma expressão quase adulta,

com ausência da inocência característica dos mais novos.

Que idade terá?

Carrega um objeto negro e bem polido que, apesar de certamente ser pesado,

ele carrega com leveza numa mão.

Carregá-lo-á com frequência, diminuindo assim o seu peso relativo.

Mas afinal, que idade terá?



Interior de um mosteiro nos Balcãs

Pedro Bello



Mística - Luisa Pires



Mística

Um lugar de culto

Um templo abandonado

Um espaço em tumulto

Um local iluminado

As velas bruxuleantes

A cera derretida

As folhas errantes

A parede despida

Pensamento fluido

Penumbra esbatida

Silêncio líquido

Alma tranquila

Santa Mónica - Pedro Bello

Quadra - Júlia Guerra



Roda Gigante,

Roda sem parar

Lembra a roda da vida

Quem nela souber subir

Sempre algo vai ganhar.

A árvore mais fotografada na Nova Zelândia

Pedro Bello



E tudo a água levou

Teresa Pedrosa



Quantas secas suportei?

Tantas que já nem sei!!!

Quantas enxurradas vieram,
me abanaram e torceram?

E como tenho resistido.

Só que hoje já não consigo,
minhas raízes cederam,
As águas me envolveram.

Me arrastam na corrente
E me afastam para sempre.

Light in the Ocean - Cidália Aguiar

Poema - Inês Melo



No final da tarde,
paragem para um reencontro connosco,
com o cosmo e com a vida.
A germinação de um novo dia.

Essência - Celina Gago



Celgago@

Magnífica

Lurdes Aleixo Dias



MAGNÍFICA!

*Assim de repente, parece um campo de golfe
em vários tons de verde claro e verde bandeira.*

*No centro eleva-se uma árvore centenária,
que poderia um obstáculo.*

Será um nogueira?

*E a imaginação termina também de repente,
pois a gozar a sua sombra fresca e prazenteira,*

Um par de namorados trocando juras de amor.

*E a história recomeça,
por enquanto verdadeira!*

Etéreo - Celina Gago

Quadra - Júlia Guerra



Vejam como sou pequenino
Neste mar que não tem fim
Navegando ao sabor do vento
Quem se vai lembrar de mim?

Medieval - Celina Gago



Vida - Pedro Alvito



Vida

Ó Caminho, que levas as carroças carregadas,

Ó Caminho, que levas as aguadeiras com os cântaros à fonte,

Ó Caminho, que brincas às escondidas com as crianças,

Ó Caminho, que tanto vês, ouves, sentes, cheiras,

Ó Caminho, que tantas vezes viste o sol, a lua, o dia, a noite,

Ó Caminho, que tanta alegria, risos e gargalhadas viste e sentiste,

Ó Caminho, que tantas pessoas norteeaste,

Ó Caminho, que tantos serões assististe,

Ó Caminho, que tantas gerações conheceste,

Ó Caminho, aqui estiveste sempre;

abraço-te por te reencontrar finalmente.

Flame - Cidália Aguiar

Quadra - Júlia Guerra



Cidália Aguiar

Quatro dedos iluminados

Os outros na escuridão

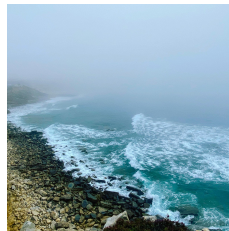
Uma vela pequenina

No meio da tua mão.

Bruma - Celina Gago



O Mar - Luisa Pires



O mar.

Esse elemento cheio de força, mas tão delicado em simultâneo.

Alberga em si o berço daquilo que conhecemos enquanto vida.

Todo o ser viu a sua origem no mar.

Mas quantos não perderam já a vida na sua fúria, na sua revolta?

Como é que se criou algo tão cheio de poder

com a capacidade de dar tanto, mas também tirar?

O mar é casa, é paz, é profundidade, desconhecido.

O mar é revolta, agitação, intensidade e imensidão.

É azul, mas também é verde, cinzento, branco.

É sal, é espuma.

Sara a alma, refresca a pele, abafa o som, permite flutuar.

O mar fala-nos com pequenos rumores, suaves, que embalam,

mas também com intensos e bruscos tambores, que alertam e afastam.

Nada é, simultaneamente, tão belo, imponente,

mas também tão assustador como o mar.

Não há maior dualidade que o mar.

O mar. Mar.

Problema de Identidade - Cidália Aguiar



Ciclo de Vida - Luísa Pires



A nossa vida pode-se equiparar à de uma peça de fruta,
desde que germinamos,
semente em forma de caroço de maçã,
brotamos e nos desenvolvemos em seres cheios de sucos,
carnudos, de sentimentos e emoções,
num crescimento mais ou menos harmonioso,
com mais ou menos cor,
mas sempre belo.

Assistimos à nossa evolução
como um desfile de estados de alma
que acompanham a nossa imagem real
ou a imagem que temos de nós próprios,
que vai mudando conforme o estágio de amadurecimento.

Ciclo de Vida

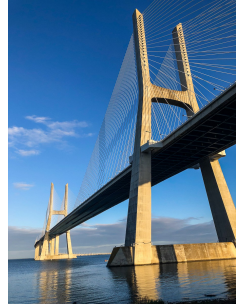


Depois, tal como a fruta,
um dia olhamo-nos no espelho
e começamos a ver sinais,
algo mais engelhado,
de tom menos vivo, envelhecido
e vai ficando cada vez mais nítida
a perceção do que o espelho nos retorna,
a maçã mirrada,
mordida pelo tempo,
oxidada
e o horizonte parece-nos então escuro e gretado,
mas olhamos de novo em volta
e as cores e a luz e o som continuam iguais
e tudo faz parte
e pode ser apreciado e vivido com a mesma intensidade.

Ponte Vasco da Gama - Leonor Botto



A ponte que nos une
Isabelina Jorge



Senti em ti

A ponte

Que atravessaria

Para voltar a casa

O meu porto seguro

A minha fortaleza

Estender-me

no tapete líquido

dos sonhos

e banhar-me

nos reflexos impressionistas

das palavras que desenhaste

no meu rosto

Voar

nas asas brancas

tão suaves

braços que se elevam

cantando hinos

Navegar os olhos

pelo céu azul

e sentir o conforto

dos cúmulos

quase transparentes

A ponte que nos une



Sentir a força

Dos abraços

A certeza de que ligados

Não estaremos sós.

Vem então,

Estende o teu manto

Dançando

A música dos sonhos

A alegria do azul

O branco da paz

E dá-me a tua mão

Para atravessarmos

Essa ponte.

Liberdade - Hélia Jorge

Texto - Inês Melo



Há elos
visíveis e invisíveis
que sustentam os nossos sonhos.

Coração de Outono - Hélia Jorge



Parras e Vinho
Lurdes Aleixo Dias



Há um ditado popular que diz:

“Muita parra pouca uva.”

É verdade e é mentira!

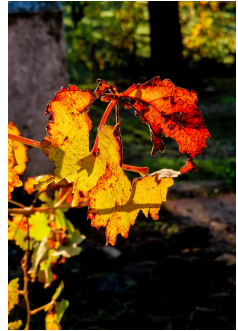
É verdade na conotação de aparência,
porém, é mentira na vida das vinhas.

O excesso de folhas tem de ser mondado
para que nas uvas o sol insira.

As parras já cumpriram a sua função de oxigenação
e estão velhinhas

Ei-las em todo o esplendor multicolor,
porque o trabalho das vindimas as uvas retira.

Parras e Vinho



E estas belas parras acabaram o seu leque de vida

e cairão nos rigores do Inverno

E o vinho que ajudaram a criar

repousará em barris

ou em enormes ânforas de barro.

Os enólogos verificarão a qualidade, sabor, translucidez, aroma

ad eaternum

Donde brotará tinto clarete, verde mais acre, branco arinto

com um aroma frutado.

E as parras renascerão

como brotos na Primavera,

num ciclo da vida interno e terno.

Torre de Belém - Leonor Botto



Balada de Outono
Concha Balcão Reis



Chove.

Chove mansamente.

Pardacento o céu,

melancólica a terra,

unem-se nos tons desbotados,

realçando a efêmera memória

do esfuziante verão.

Sobre os degraus de pedra do

anfiteatro

- onde no fulgor de agosto

ouvimos jazz,

mãos entrelaçadas, corpos a vibrar

na cadência quente,

ao luar que o lago espelhava,

ondulante -

jazem agora inertes e amareladas

as folhas que o vento de outono

varreu ao acaso.

Também nós,

olvidados já daquele nosso sonho

numa noite de verão,

jazemos.

Inertes.

Passeio Avenida Brasília - Acesso à Portugalá

Leonor Botto

Texto - Júlia Guerra



Estamos tão bem alinhadas

Bem juntinhas, comportadas

Boa coisa não vai dar

Lá diz o velho ditado

Gaivotas em terra

Temporal no mar.

Entardecer - Hélio Jorge



Esperando as Estrelas

Isabelina Jorge



Volto sempre ao entardecer

o sol põe-se e eu fico,

muito tempo,

à espera das estrelas.

Espero-as, identifico-as,

celebro-as

no reflexo que projetam

no olhar, chamando a memória.

Era assim que fazíamos

um concurso de descoberta

de estrelas

as que chegavam no firmamento

as que brilhavam no teu olhar

e as que se refletiam no meu.

Hoje a cadeira

onde me sento

está velha

desbotada do tempo

o ferro rasgado

o assento esgaçado,

pesado da ausência.

Já a planta que trouxemos

minima cresceu,

abraçando o gradeamento

agradecendo a água

que sempre trago

para estimular a vida

Esperando as Estrelas



Chego aqui só,
ainda dorida da tua partida
e continuo a vir
sorrindo
porque sou a primeira
a ver a estrela chegar:
a estrela na noite
em que te aninhaste.

Assim falamos de novo
baixinho,
entre risos de memórias boas,
sorrisos cúmplices
com palavras breves
sem pressa
na noite estrelada.

Estamos juntos,
Sempre,
entre as estrelas!

Still life - Cidália Aguiar



A Chama que nos chama

Luís Filipe Rocha



Ó Fogo,

gerador da Terra que a Água fecunda e o Ar alimenta,
ouço a tua Voz na tua Luz.

A Terra nos acolheu no seu seio

e nos mostra os Caminhos

que podemos calcorrear ao encontro da Vida.

A Água nos nutre e nos acalma

servindo-nos o Tempo,

enquanto, juntos, escrevemos mais uma página deste Universo.

O Ar nos protege e desenvolve,

alimentando o Sonho e a Missão.

A Chama que nos chama



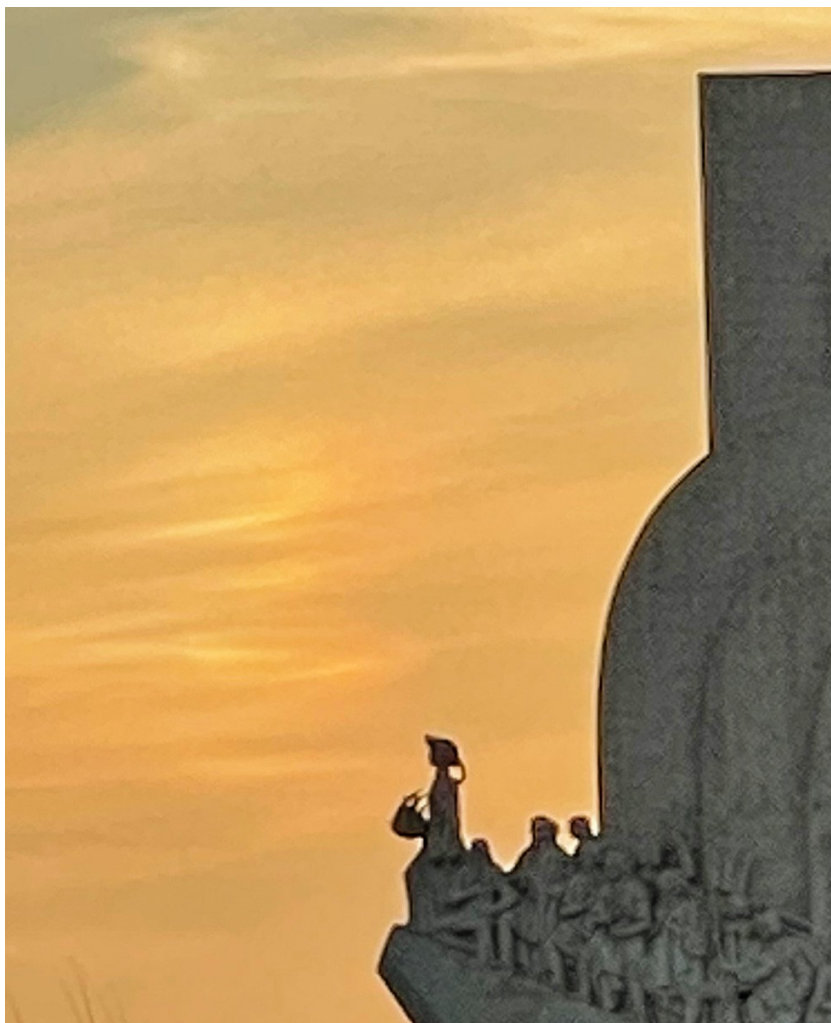
E assim vamos percorrendo a nossa Senda,
na aprendizagem e na solidariedade,
rumo a Shangri-La.

Agora que a aproximação do longe deixou de ser abstracta
é que me mostras a Beleza, o Amor e a Vida?
Agora que a Passagem já se întui
é que te revelas ansioso?

Não te preocupes Fogo.
Só o Agora existe e só nele nos realizamos.
Sossega Fogo
eu estou contigo.
Extinguir-nos-emos de mãos dadas.

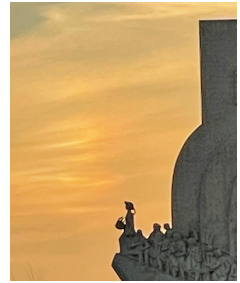
Padrão dos Descobrimentos

Leonor Botto



Cinzentos sobre fundo Radiante

Lurdes Aleixo Dias



Padrão ao pôr do Sol

Pena não se ver o mar onde a “caravela” foi navegar!

Proa comandada pelo patrono, Infante D. Henrique

Paradigma visionário das viagens das Descobertas.

Prestigiado como tantos ilustres navegadores,

Poetas, missionários, guerreiros, cientistas e reis.

Punhos com bandeiras, mapas, globos, marcos

Postos nos 5 cantos do mundo até então desconhecido.

Perspectiva secciona o monumento

Premonição, intenção, desunião?

Padrão de um Povo, outrora gloriosa Nação!

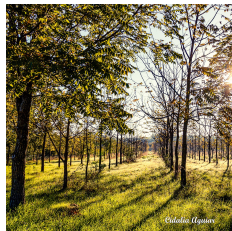
A luz do bosque - Cidália Aguiar



Cidália Aguiar

Vigilantes Silenciosas

Lurdes Aleixo Dias



Reino da natureza até onde a vista alcança

Pelo alinhamento, parece um pomar.

Que tipo de árvore, que fruto posso apanhar?

Estão a hibernar.

Frutos adiados com esperança.

Na terra só há sombras dos troncos e tufos de erva a dominar

Será que o dono as abandonou, não as regou, não as podou

porque as vicissitudes da vida, saúde ou o dinheiro lhe faltou?

Apesar desta hipótese, apetece-me ir para lá caminhar.

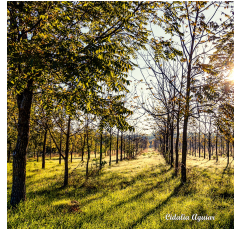
Porque o sonho do caminhante

é atravessar montes, vales prístinos, caminhos empedrados

cobertos por ouriços ou bolotas amadurecidos,

riachos de água transparente.

Vigilantes Sigilosas



Nada afasta o peregrino do seu destino!

Neste ambiente de árvores desnudas, árvores-de-judas?

Não se ouve o chilrear dos pintassilgos, o crocitar dos pombos
o grasnar dos corvos ou das gralhas.

Fugiram a pedir ajuda!

“Eu amo as árvores principalmente as que dão pássaros

Os pássaros são o fruto mais vivo das árvores

Os pássaros começam onde as árvores acabam

Os pássaros fazem cantar as árvores (...)

Eu passo e muda-se-me o coração.”

Ruy Belo

Milenar – Celina Gago



Tesouro - Pedro Alvito



É maravilhoso reencontrar-te aqui!

O teu tronco forte, áspero, onde as formigas andavam, lembras-te?

O musgo, os líquenes, as cascas do teu tronco forte, lembras-te?

O cheiro maravilhoso da tua madeira, das tuas folhas!

Tentei encontrar água com os teus ramos, lembras-te?

Apanhei tantas vezes as tuas azeitonas, lembras-te?

O teu azeite maravilhoso e precioso!

O lagar junto à ribeira, a roda de pedra, as ceiras, a prensa, lembras-te?

Nunca pediste nada, nem água, nem que te podassem, lembras-te?

Tudo deste a tantas gerações! És uma riqueza!

Lembro-me tanto de ti, fazes parte de mim, lembras-te?

Rua da Praia do Bom Sucesso

Leonor Botto





Quadra - Júlia Guerra

Truz, truz nesta porta quero entrar

Este ponto de interrogação

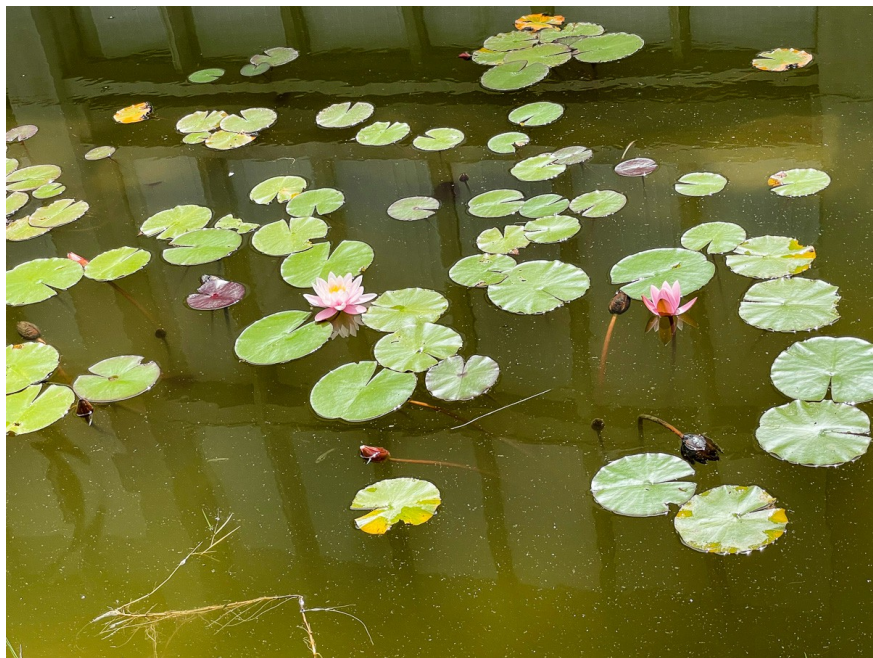
Dá-me muito que pensar.

Será que terei resposta?

Ou do umbral não irei passar

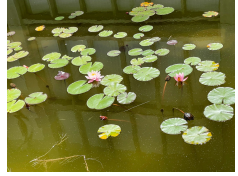
Museu da Marinha, Planetário Calouste Gulbenkian

Leonor Botto



Nenúfares

Teresa Pedrosa



Nenúfares,

Beleza que emerge de águas paradas,

Com as raízes ao fundo agarradas.

Suas folhas verdes , serenas à espera,

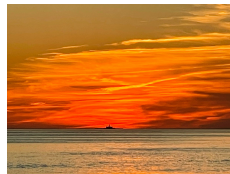
De lindas flores, na Primavera .

Bugio

Leonor Botto



Quente
Cristina Semião



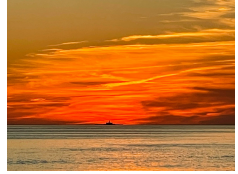
*Quente é o vermelho que se espraia no horizonte,
aquarela viva de cor e fogo.*

*Deixa-se tocar, apenas levemente,
pelo frio do azul poente,
que em sua linha se quer impor indecente.*

*Quente é o vermelho que se espraia no horizonte,
teatro de uma cena em monólogo.*

*Deixa-se calar, por breve instante,
pelo grito inconstante,
do mar revoltado por baixo incessante*

Quente



Quente é o vermelho que se espraia no horizonte,
música ardente num sensual jogo.

Deixa-se bailar, na espuma revolta,
da onda desenvolta,
que só a crista soprada pelo vento a solta.

Quente é o vermelho que se espraia no horizonte,
poema infinito agora em epílogo.

Pois a noite, verso de ébano,
em crescendo no oceano,
por cima de ambos irá estender seu pano.

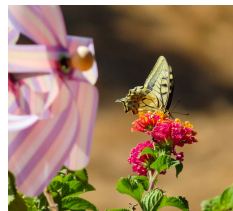
Encantamento

Hélia Jorge



Desfruta da vida mesmo que seja curta

Teresa Pedrosa



Mesmo que a vida seja limitada,
mesmo que seja curta como a da borboleta
mesmo que sintas que tens que esperar muito
por grandes transformações,
vive cada dia em liberdade,
olha em teu redor
e desfruta das maravilhas e do colorido
com que a natureza te abençoa.

Momento de Leitura

Cidália Aguiar



Cidália Aguiar

Do outro lado das palavras

Paulo Eduardo Campos



do outro lado das palavras
não existem as chaves ferrugentas
do jardim das rosas tristes.
o movimento das estrelas no céu
segura a noite sobre as pessoas
que ainda caminham pelas ruas.

do outro lado das palavras
existe alguém, que escreve poemas soterrados,
verdades insuportáveis, sílabas gritadas.
violinos tocam no negro canto da noite,
enquanto o tempo passa no seu rosto,
como uma toalha ensanguentada.

Do outro lado das palavras



estou do outro lado das palavras
fechado neste tempo redondo,
neste ângulo de zero graus,
sozinho, sentado junto ao lume que não arde.
sorvendo as palavras como uma *bebida de amor*.

Paulo Eduardo Campos

In Antologia “Poetas da nossa terra”

Foto - Jorge Gonçalves da Silva



Rap ao Surf - Cristina Semião



O sol descobre-se ruivo,
E o oceano faz-se vivo
Pego na prancha e sorrio,
Lanço a tábua sem frio.

É o Verão de vinte e dois,
Voltam as festas e depois,
Noites jovens sem dormir,
Ya 'bora descontraír.

O sol e o sal ardem em mim,
Sou goofy e gosto assim,
Na crista das ondas, voar,
Na espuma do mar, surfar.

É o Verão de vinte e dois,
Voltam as festas e depois,
Noites jovens sem dormir,
Ya 'bora descontraír.

A prancha e eu somos um,
Bem cedinho e em jejum,
Duck dive sempr'a remar,
P'ros bons tubos apanhar.

É o Verão de vinte e dois,
Voltam as festas e depois,
Noites jovens sem dormir,
Ya 'bora descontraír.

Noites jovens sem dormir,
Ya 'bora descontraír.

Foto - Jorge Gonçalves da Silva



Tranquilidade

Lurdes Aleixo Dias



Praia isolada. Mar raso.

No horizonte ergue-se uma ilha deserta
coroada por uma aura de alvorada.

A água reflecte uma paleta desde o branco ao índigo
com uma a ondulação morna e silenciosa.

No meio do espraiar, algumas rochas escuras
e a areia fina pespontada por pedras roladas.

Ao longo da praia vislumbra-se uma muralha de pedra.
O rochedo que se eleva em primeiro plano parece estranho,
despido de quaisquer algas, moluscos ou marcas de marés.

Terá sido ali colocado para combater a erosão? Talvez.

Do topo rolam umas gotas de água esverdeada.

Estará a chorar por ter sido arrancado da serra onde nasceu?

Foto - Jorge Gonçalves da Silva



Areia Molhada - Teresa Pedrosa



Chegaram juntos.

Desceram a escada.

Mas ali na areia , todos se separaram.

Seus interesses eram diferentes:

Ele , queria ir ao pontão , ver as ondas rebentar;

Ela, ao longo da praia sobre a areia molhada, passear;

O cão que os acompanhava,

corria contente, sem saber para onde ir

e assustava as gaivotas não parando de latir.

Foto - Jorge Gonçalves da Silva



Ciclo - Luisa Pires



Ciclo

É um ciclo

Mas tem um fim.

Disseste que tinhas aprendido cedo

a cuidar, da casa, mas

embora tenha pedido tão suavemente

(por favor, prende-me pelos ombros ou pela cintura

se me estiver a alongar,

tenta que as cores combinem

e mostra-me um sítio ao sol,

antes de anoitecer leva-me para dentro

longe da humidade do frio da noite)

Ciclo



como o arrepiar do vento nos meus tecidos
passaste e não tomaste atenção
olhaste o lado dos contornos
em que o sol bate e não atravessa
e perdeste a visão da cor que reflito.
Talvez o mundo em sombras
seja mais *belo*. Não sei
é um ciclo
Repito.

Foto - Jorge Gonçalves da Silva



O piar - Luisa Pires



É difícil indicar com exatidão
o lugar do piar numa árvore.

Pus um dia migalhas, no parapeito
da minha janela, na tentativa de
trazer o piar à minha varanda.
E o chão ficou cheio de pedaços de pão.

E mesmo eternizando um momento
em que os nervos dos nossos dedos
se colocaram na posição exata
para congelar em cor
uma coordenada específica e correspondente
ao momento do bater de asas,
continuo sem conseguir olhar o piar.

O piar



*Apenas olhos de homens e mulheres
Que também eles planam
nas proporções desses instantes.*

*E pergunto:
se um pássaro deixa de voar
se estiver assim inerte, revelado.*

*Faz-nos falta saber da nossa inércia,
como o pássaro;
Também assim voaríamos
E estaria em nós o piar.*

Foto - Leonor Azevedo

Poema - Inês Melo



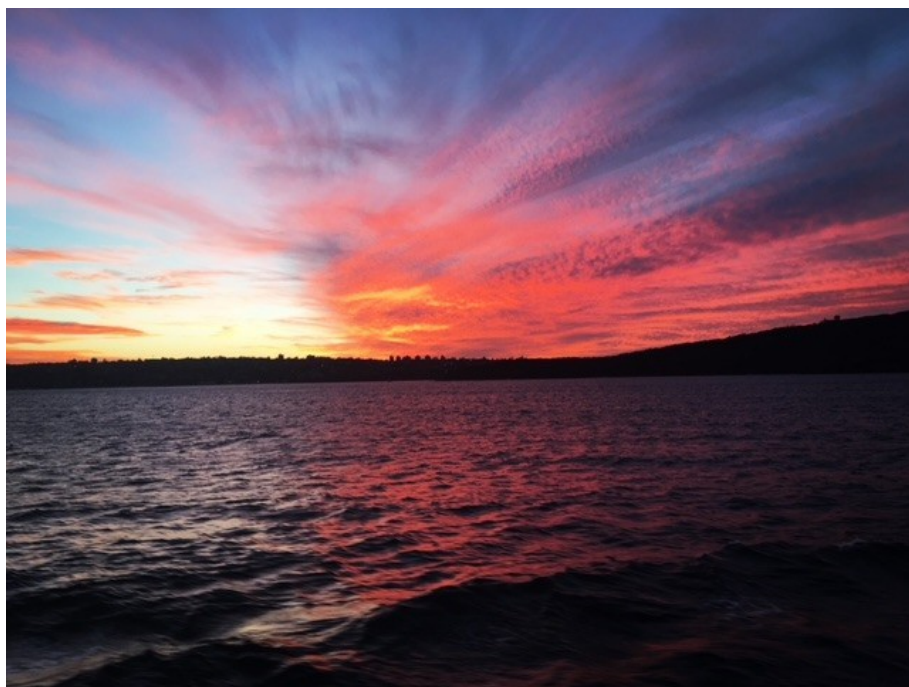
A vida consiste de coisas pequenas.

Transforma-se cada pequena coisa

*através da consciência, observação e do estar alerta,
num belo ato.*

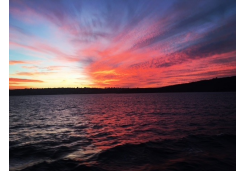
Então, as coisas comuns tornam-se extraordinárias.

Paleta de Cores - Teresa Marques



Só o meu coração ouve este amanhecer

Maria Irene Batista



Viver deslumbrada por todas as cores de um nascer do sol
entre o azul , amarelo, laranja, rosado ,
em fios de nuvens dispersas
que o céu deixou que se entrelçassem em algodão doce..
é encantar-me com um espectáculo deslumbrante , que ele me oferece.
Rendo -me ao corpo e abro os braços
para a inevitável alegria de o contemplar enquanto vai subindo devagar .
Olho o mar que começa a cintilar em ondinhas espumosas
celebrando este momento único
que se extingue perante o brilhar do dia ,
de um sol radioso qual rei coroadado.
Em momentos como este encontro-me com saudades de mim e no silêncio...
um grande silêncio sento -me numa pequena rocha antes escondida
e agora descoberta pelo mar aconchegada pelo calor do dia ,
e ali fico , apenas respirando o sussurro do recado
que a manhã me trouxe e que só o meu coração ouviu....

E tudo virou branco - Teresa Marques



Branco - Luisa Pires

Lá fora tudo branco, brando, calmo

A neve caiu, cobriu, fundiu

O olhar recai, sobressai, o branco

Quais fósseis colados ao vidro

Ilusão ótica, neve, ramos, fundo

Visão de branco profundo

A natureza e os seus enigmas - Teresa Marques



Esperança - Ana Paula Melo



Uma paisagem verdejante
pintalgada de algumas casas
e coberta por um céu de tempestade.

Um céu coberto de nuvens cinzentas
mostra bem que o tempo era de chuva.

Mas eis que no meio das nuvens
parece que se abre uma porta e
aparece timidamente um arco-íris
mostrando que o sol continua a brilhar
e em breve aparecerá!

Mundo Cruel

Fernando Guedes Pinto



Miau Mimado

Lurdes Aleixo Dias



O meu favorito é o Txigui!

É matreiro como todos os gatos.

Este é um felino padrão “tigress”, muito “trendy”.

Come ração premium, seca e húmida, e nunca viu ratos.

Adoro pôr nomes a tudo e baptizo-o Otamendy!

O bichano gosta muito de dormir no seu sofá de veludo

Cabeça coberta é a posição geralmente predilecta

Apoderou-se da almofada laranja de forma secreta

Não se enganem! O radar auditivo do Miau capta tudo.

Três revistas National Geographic em equilíbrio instável

Onde serpenteia a sua cauda com um toque adorável.

Gato traquina!

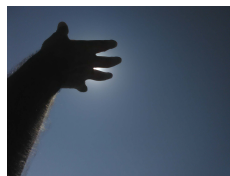
Havia muitos nos sofás e mesas do saudoso Manuel António Pina!

Agarrar o Sol

Fernando Guedes Pinto



Sol - Cristina Semião



Serei eu sã? Serei sentir?

Sem sol, serei ser sem sorrir,

Sombra subtil, solidão,

Suave serei sem sanção.

Serei eu som? Serei suster?

Sem sol, serei ser sem sofrer,

Sinal soprano, sigilo,

Surdo serei sem ser silo.

Serei eu sal? Serei sorver?

Sem sol, serei ser sem saber,

Sabor sereno, sumido,

Sonho serei sem ter sido.

Serei eu ser? Serei solar?

Sim, sol, serei ser sem sanar,

Somo socalcos, sessenta,

E sol serei, serei sedenta!

Cristina Semião

02/04/2022

(Poema de aliteração em s)

Espanto de quem observa

Dulce Borges



Contemplação

Luísa Pires



Em plena contemplação

Algo parecia familiar

Observando com mais atenção

Surge alguém no radar

Um perfil e umas costas

Mais pequenos, é verdade

Com a cabeça às voltas

Compreendi a realidade

Numa visita, é natural

Sempre tão apreciada

Importante educação cultural

No museu uma tela alargada

Em destaque uma cena de época

Os trajes muito engalanados

Pensam o que a tela evoca

Guerreiros ou jurados

Leve Leve - Dulce Borges

Poema - Cristina Tomé



Estar Feliz

é ser livre, leve,

capaz das mais audaciosas situações.

Medo?

Dou-lhe a mão

e salto.

Sururus da vida de uma gaivota

Dulce Borges



O Dia do Reencontro

Ana Paula Costa e Silva



Era o fim da tarde

E o dia tinha sido nosso

Há quanto tempo não falávamos

Quero precisar, mas não posso

Mas veio o reencontro

E a chama reavivou

Poderemos recomeçar?

Nada há como tentar

A vida separou-nos

A distância não ajudou

Os nossos corações arrefeceram

E o amor congelou

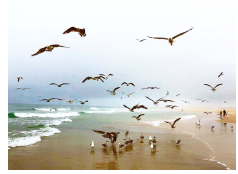
Encontrámo-nos pela manhã

Rumo à praia num vai vem

As saudades do mar eram imensas

Saudades tuas também

O Dia do Reencontro



Conversámos o dia todo
Rimos e chorámos juntos
Novas promessas de amor
Seladas em abraços profundos

E naquela praia ficámos
Até não haver mais ninguém
E o dia foi todo nosso
E aquela noite também

As gaivotas por companhia
Com seu aflitivo guinchar
Buscavam algo de comer
Logo ali à beira mar

Regresso

Dulce Borges



A Faina da Pesca

Ana Paula Costa e Silva



Ai, como eu gostava de passar a temporada de férias de Verão na casa dos avós maternos, na pitoresca aldeia de Valeirinha.

Eram sempre dias plenos de doçura. Para além dos mimos físicos, usufruía das belas paparocas feitas pela avó Maria e das palestras do avô Carlos. Colhia os frutos diretamente das árvores e adorava ajudar nos trabalhos do campo. Os diferentes cheiros inundavam o espaço e parece-me que ainda hoje os sinto quando vou de visita aos tios que agora habitam a casa.

O avô Carlos era muito conversador e gostava, como todos os avós, eu acho, de partilhar as suas vivências comigo. Tudo o que eu aprendi com ele ficou para sempre na minha memória.

Era um homem muito bondoso, respeitador e com muitos amigos espalhados pela aldeia e arredores.

Eu bebia as palavras do avô e ele, com tanto detalhe, conseguia transportar-me até à sua época de menino.

A Faina da Pesca



- Olá Ti Carlos, a saúde vai boa?

- Ora se vai. Cá com o meu neto passam-me todas as mazelas.

E riam.

- Que tal a pescaria?

- Correu bem, sim senhor. Olhe lá para o peixe a saltar!!! Bom, tenho de ir ajudar o pessoal na escolha. Tarda nada, estão aí as canastras da lota.

E assim era.

A abertura do saco da rede era um verdadeiro espetáculo.

A descoberta da pescaria realizada, outro.

A escolha das diversas qualidades de peixe até parecia uma tarefa fácil.

Não fossem as mãos conhecedoras dos pescadores e seria trabalho para um dia.

- Francisco, vamos regressar?

- Vamos sim, avô. Quando não, a avó fica preocupada.

E lá íamos os dois, de mão dada.

Quietude

Dulce Borges



Reconforto

Ana Paula Costa e Silva



Era disto que precisava

Desse teu verde das árvores

Desse teu rio que se espraia sem temer

Dos pássaros a rasgar o céu

Desse dia a acontecer

No bulício da cidade

Há um ruído de fundo

Que nos impede de lembrar

Quão tão belo é o mundo

Por isso adoro parar

Pegar nas malas e correr

Para no teu seio descansar

E minhas forças refazer

Era disto que precisava

Deste silêncio que me abraça

Desta beleza sem fim

Na tua simplicidade

Vales tanto para mim

Reconforto



Regresso à cidade de alma cheia
Com os cheiros na bagagem
Nos olhos levo o rio gravado
Na memória, tua linda imagem

Era disto que precisava
E mais uma vez agradeço
Bem-hajas pela tua doçura
Que valorizo com apreço

Minha aldeia do coração
Obrigada pelo que és
Sabes que sempre que precisar
Render-me-ei a teus pés

Cacela Velha - Inês Melo

Poema - Cristina Tomé



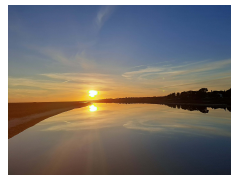
Era uma vez uma tela pintada pelas forças do Universo
que, de forma desafiadora,
nos mostra a linha do infinito
e, assim, nos permite sonhar.

Ria Formosa Pôr do Sol

Inês Melo



Memórias - Cristina Semião



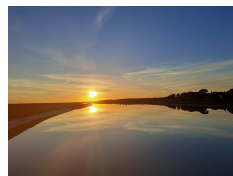
A escuridão do velório cegava-me,
as paredes do crematório esmagavam-me, as condolências sufocavam-me...
As palavras de todos martelavam-me cá dentro,
como máquinas nas pedras duma calçada
“O tempo cura tudo, vais ver...”
“Um dia de cada vez...”
“Com o tempo vais conseguir esquecer...”
E eu ali, a assentir, muda na voz e na expressão, e a gritar no meu silêncio “
Vocês não percebem??? EU NÃO QUERO ESQUECER!!!”

E fugi!

Fugi para aqui, o único lugar onde quero lembrar-te.

E os martelos lá...

Memórias - Cristina Semião



“Tu és forte!”, “Tu vais ultrapassar isto!”

E eu aqui, a sentir-me minúscula, frágil,
insignificante na imensidão do azul carmim que se estende à minha frente.

Está frio, e esta brisa do mar sabe-me bem...

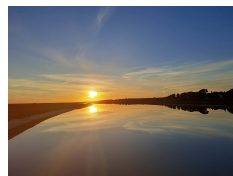
sinto-a picar-me a cara...

subo para cima do capot e o sal do ar mistura-se com o das lágrimas
que se suicidam dos meus olhos sem que as queira parar.

E deixo-me finalmente embalar nas memórias...

lembro-me como nos costumávamos sentar assim,
em cima do carro, ao entardecer, enrolados numa manta,
entrelaçados um no outro, olhando para o infinito do mar,
descontraindo as horas em conjunto.

Memórias - Cristina Semião

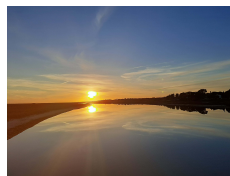


Eles sabem lá, os martelos,
como bebíamos os sonhos um do outro,
como nos adivinhávamos um ao outro,
como tu eras peça de mim e eu era de ti.

Até que esta semana desististe de lutar,
sem que eu percebesse, sem que eu o previsse,
e o cancro ganhou.

E eu queria que só por um instante,
por um milagre qualquer,
aparecesses agora, aqui, à minha frente,
para te bater! Ou para te beijar!
Ou para te amar... sei lá!

Memórias - Cristina Semião



Hoje não tenho manta...

Tudo o que tenho é a persistência das memórias,

memórias de risos, memórias de sussurros,

memórias de gritos, memórias de silêncios...

que me aconchegam, que me envolvem...

que deslizam por mim abaixo!

E aos martelos que dizem

que com o tempo tudo passa,

grito a plenos pulmões contra o pôr do sol à minha frente,

que Não!

Porque o tempo vai ser cruel,

porque sei que vou ter que navegar nele,

sem rumo, nem destino... s

em ti e só porque sim.

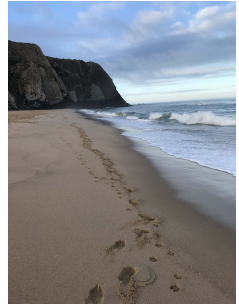
Manhã azul-cobalto

Concha Balcão Reis



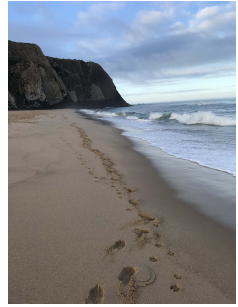
Nougat

Ana Paula Costa e Silva



Era uma noite fria de Inverno
Como são todas as noites de Natal
Regressávamos a casa
Quando nos abordaste a pedir ajuda
Teus olhos grandes suplicavam amor
Teu olhar profundo deu voz ao teu querer
Por não termos sido indiferentes à tua suplica
Recolhemos-te essa noite
Julgámos-te abandonado
Era isso que as costelas denunciavam
Sob o teu pelo desnutrido e baço
Interrompido por diversas e feias feridas

Nougat



Mas o chip que transportavas contigo,
Meu querido Nougat,
Indicou que tinhas “dono”
E os procedimentos tinham de ser cumpridos
Contactado o proprietário
Vieram-te buscar
E lá foste de volta para a tua “casa”
Que mais não seria do que um parco canto no exterior
Mas tu és forte e assertivo
Sentiste o poder do amor e não o deixaste escapar
No mesmo dia que te levaram, voltaste
Sim,
De noite, 5 km percorridos, e ali estavas tu

Nougat



À porta, à nossa porta, à nossa espera

Percebemos o teu sofrimento

Confrontámos os “donos”

Nada do que tinha acontecido era normal

- O que é que se passa? Perguntámos

Tudo foi explicado

A chegada de um novo membro, um bebé

Tirou o teu lugar naquela família

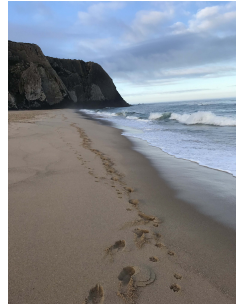
Do interior do lar foste corrido para o quintal

Mas, por fim, praticaram um ato de amor

Pois abriram mão de ti

Deixando-te partir e ser feliz

Nougat



Passaste a viver connosco
Como se nos conhecêssemos há anos
Temos de dar tempo ao tempo
O caminho far-se-á caminhando
A pouco e pouco
Irás aprender a brincar, a socializar
A correr na praia
Continuarás a enriquecer os nossos corações
Gravando o teu amor
Como simples pegadas na areia
E esta foi a verdadeira história,
Como, num volte face profundo,
Deixaste de ser Baltasar
Para passar a ser Nougat,
O cão mais doce do mundo

Vésperas (de Todos os Santos)

Concha Balcão Reis



Chuva - Ana Paula Costa e Silva

(Inspirado na canção “Chuva”

de Jorge Fernando e cantada por Mariza)



„A chuva ouviu e calou meu segredo à cidade

E eis que ela bate no vidro trazendo a saudade”

Desde manhã que a canção martela o meu espírito

Não consigo deixar de pensar em ti

A culpa é da Mariza que tão bem te canta, tão bem nos retrata

A culpa é da chuva que teima em não parar de cair

E a minha amargura aumenta ferozmente

E a saudade rasga o meu sentir

“São emoções que dão vida à saudade que trago”

Teima a canção em fazer-se ouvir

„Há dias que marcam a alma e a vida da gente

E aquele em que tu me deixaste não posso esquecer”

Por isso eu prefiro o Verão, que venha depressa

Pois a chuva de Inverno só me faz sofrer

Chuva



Apesar de me teres feito doer também me fizeste sorrir

Daí eu tentar ignorar esta chuva insistente

E dando corpo à canção terei de admitir

Que “há gente que fica na história da história da gente”

Quantas e quantas vezes logo pela manhã

Ouvimos na rádio uma simples canção

E ela teima em ficar, sabe-se lá porquê,

Por vezes no ouvido, outras no coração

Hoje foi um desses dias que fiquei devastada

Pois, aliada à chuva, veio a canção

Maldito rádio que teima em lembrar

Um amor passado, uma presente solidão

“A chuva molhava-me o rosto gelado e cansado”

Nesse dia difícil que ainda não esqueci

Mas ao contrário do que diz a canção

O fogo do amor não morreu, ainda espera por ti